

CHOCOLATE PARAENSE TEM SE DESTACADO POR SUA QUALIDADE EM PREMIAÇÕES PELO MUNDO

ESPECIAL

Diário do Pará

A PRIMEIRA REVISTA DO AGRONEGÓCIO PARAENSE

agropará

Nº 26
ABRIL 2022



FOTO: REPRODUÇÃO

FONTE DE VIDA

A ÁGUA É ESSENCIAL PARA O
AGRONEGÓCIO E INICIATIVAS PARA
PRESERVÁ-LA GARANTEM O FUTURO
E A QUALIDADE DA PRODUÇÃO

FNO AMAZÔNIA RURAL VERDE

CA/COMUNICAÇÃO

Crédito para movimentar o seu negócio sem comprometer o futuro da Amazônia.

Com o Banco da Amazônia, você pode movimentar a atividade pecuária da região, sem deixar de caminhar de mãos dadas com a sustentabilidade e o meio ambiente. Com nossas linhas de crédito verde, você poderá investir em projetos com bases sustentáveis que melhoram a sua vida, sem comprometer o futuro da Amazônia. Se você é pecuarista PF ou PJ, procure um de nossos gerentes e saiba mais sobre as possibilidades que nossas linhas de financiamento podem oferecer para o seu negócio.



Aponte sua câmera
para o QR Code
e saiba mais.





FOTO: REPRODUÇÃO

Nº 26 ABRIL 2022



@doldiarioonline



@doloficial

Presidente do Grupo RBA:
Jader Barbalho Filho

Diretor Comercial do Grupo RBA:
Nilton Lobato

Diretor de Redação:
Clayton Matos

Gerente Industrial:
Dirceu Reis

Editor:
Fábio Nóvoa

Designer:
Júlio Brasília

Textos:
Igor Wilson e Laís Azevedo

Tratamento de imagens:
Tasso Moraes

Endereço: Av. Almirante Barroso, 2190 CEP 66095.000 - Belém-PA

91 3084-0118

Central do Assinante: (91) 3084-0100

Diário do Pará



FOTO: CELSO RODRIGUES

COMO A ÁGUA PODE SER USADA PARA MELHORAR O TRABALHO DE AGRICULTORES NO ESTADO

Pgs14/15/16

CACAU

PARAENSE GANHA O MUNDO COM PREMIAÇÕES DE QUALIDADE NO FRUTO E NA PRODUÇÃO DE CHOCOLATE

P04



FOTO: ANA LEE / DIVULGAÇÃO CHOCOLATFESTIVA

MINSEN OS NÚMEROS QUE MOSTRAM A IMPORTÂNCIA DO AGRO PARA A ECONOMIA DO PAÍS

P08

LIVRO INDICA AS BOAS PRÁTICAS DE ADUBAÇÃO PARA OS DIFERENTES TIPOS DE SOLO NA AMAZÔNIA



P18

ENTREVISTA AGROINFLUENCER E PECUARISTA CRIA CAMPANHA PARA SAÚDE E BEM ESTAR ANIMAL NAS FAZENDAS

P10



FOTO: DIVULGAÇÃO

MAURO BONNA RESTAURANTE ABRE NO RIO COM FOCO NO PESCADO PARAENSE

P22

agro pa



DO TUERÊ PARA O MUNDO

João Evangelista
produz o próprio
chocolate a partir
do cacau plantado e
selecionado da sua
propriedade
Fotos: Divulgação

CHOCOLATE FEITO A PARTIR DO CACAU DE PEQUENOS PRODUTORES PARAENSES TEM GANHADO O MUNDO, INCLUSIVE COM PREMIAÇÕES NOS MELHORES E MAIS EXIGENTES CONCURSOS DE QUALIDADE

■ LAÍS AZEVEDO

Nos últimos anos, o Estado do Pará tem ganhado diversos prêmios de cacau e chocolate. O exemplo mais notável de um potencial sendo descoberto na região foi a conquista da Prata, na última edição do internacional “Cocoa of Excellence”, do Salão do Chocolate de Paris. E quem trouxe esta vitória foi João Evangelista “Rogério”,

um maranhense nascido na comunidade de Gameleira, na cidade de Brejo. O produtor rural se mudou para São Félix do Xingu quando tinha apenas 17 anos e desde 2013 passou a morar no assentamento Tuerê, em Novo Repartimento, local que já vinha se destacando desde o ano anterior e já pode ser apontado como nova referência em cacau e chocolate.

“Todas as pessoas da minha família, no Maranhão, trabalhavam no campo. Mas no Pará sou proprietário de terra desde 1996; comecei a plantar no Xingu, mas com muita dificuldade. Quando fui para o Novo Repartimento, eu tinha um pouco de gado e de cacau. Tive mais oportunidade ali, menos problema de acesso a estrada e materiais. Em relação à terra, no Pará é muito fértil!”, comenta Rogério. Ele conta que recebeu também muito apoio técnico na região e segue contando com ele. “Preciso trabalhar junto a pessoas que saibam lidar com esse lado da venda, negociação, premiação, porque eu só sou bom com esse lado de produzir mesmo (risos), de tá na roça fazendo a amêndoa”, diz com bom humor.

Um dos principais aliados do produtor foi o programa “Territórios Inclusivos e Sustentáveis na Amazônia”, da Fundação Solidaridad, que desde 2015 apoia as famílias na região, ajudando a alavancar sua participação no mercado de chocolates bean-to-bar [trabalhados desde a produção da amêndoa até a barra de chocolate]. As amêndoas produzidas por cinco agricultores do Tuerê - incluindo Rogério - ocuparam o ranking das melhores do país em 2021, levando orgulho ao assentamento, lar de 3 mil famílias.

O produtor Francisco Cruz, por exemplo, celebrou o Ouro em 2021, no “Chocolate Alliance Awards”, realizado em Seattle (EUA), junto com a marca Monjolo Chocolate Bar, que produz com sua amêndoa. Além disso, a barra de chocolate 70%, da Priscyla França Chocolates, também produzida com as amêndoas de Cruz, foi eleita a melhor do Brasil, no “Prêmio CNA Brasil Artesanal 2021”. “Eu aprendi que não adianta você ter muita quantidade se você não tiver qualidade”, comentou. Pelo destaque de sua produção, em 2019 ele também foi um dos convidados a expor no Salão do Chocolate, na França.

Outro nome do assentamento Tuerê é João Rios, que ficou em terceiro lugar na categoria blend do “III Concurso Nacional de Qualidade de Cacau Especial do Brasil - Sustentabilidade e Qualidade”, em 2021, selecionado pela Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (Ceplac) e Centro de Inovação do Cacau (CIC) - entre os oito melhores do Brasil. “É muito gratificante saber que conseguimos chegar a um padrão de qualidade e que estamos representando nossa região”, afirma Rios.

O concurso nacional analisou 94 amostras e as amêndoas cultivadas pelos produtores Valdemiro Broechl e Willian Paulo Broechl, também do assentamento Tuerê, estavam entre as 22 finalistas. O cacau de Valdemiro Broechl figurou ainda no ranking dos oito melhores do Brasil, do “Programa Cacau de Excelência”; e o chocolate “Two Rivers”, da Mission



Chocolate, feito com suas amêndoas, recebeu Ouro no “Festival de Barras Bean-to-Bar 2021”, em Londres, na Inglaterra.

FUTURO PROMISSOR

A bióloga Adriana Reis, doutora em biotecnologia e gerente de qualidade do CIC, além de ser uma das coordenadoras do Concurso Nacional de Qualidade de Cacau Especial do Brasil, aponta o Pará como uma nova potência no que se refere à amêndoa destinada à esse chocolate fino (bean-to-bar). “O Pará é hoje uma região que chama muito a atenção. Você vê o que ocorreu no concurso em 2021. Ganham todas as categorias do blend”, diz ela, referindo-se aos produtores Robson Brogni (1º lugar) e Hélia Félix (2º lugar), de Medicilândia; José Renato Preuss, de Brasil Novo, e o já citado João Rios, do Tuerê, que empataram no 3º lugar.

“Tem elementos muito interessantes na região, como o fato de que, dentro do próprio Pará, ter diferença entre as regiões, cada uma com notas [sensoriais e gustativas] muito interessantes. A gente vai ouvir falar do Pará por muitos anos, porque realmente veio para ficar. Hoje, citaria a região do Tuerê, como uma região de destaque, porque empata na terceira categoria e chegou levando o ‘Cocoa of Excellence’ de Paris com o João Evangelista, que tem sua própria assinatura sensorial”, diz Adriana.

Mais tempo figurando nesse mercado, a cidade de Medicilândia também é destacada pela especialista. “É um pessoal que chamou muita atenção. A amostra do Robson e da Sara [parceira dele na produção], brilhou no concurso. Era uma amostra com uma complexidade grande, mas com boa nota de sabor cacau, que é o que a gente procura, e com cítricos que amarram tudo, agradando demais os jurados. E o Pará como um todo tem muitas notas de florais suaves, é um cacau mais adocicado, que naturalmente chama mais atenção. É uma região que de fato veio pra fazer história na área da qualidade. Tá bem competitivo”, acrescenta.

Há três anos, o Pará passou a Bahia na produção nacional de cacau e dos 205 mil hectares produzidos aqui, 10 mil são de agricultura familiar, com a maior parte da exportação saindo da região de Tomé-Açu para o Japão. “Uma linha de chocolate que utiliza as amêndoas exportadas para o Japão direto de Tomé-Açu exibiu o selo comemorativo das Olimpíadas de Tóquio. Isso foi um marco, pois mostrou o quanto as amêndoas de cacau do Pará são feitas com qualidade, já que se trata de um mercado bastante exigente”, comentou o secretário adjunto da Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (Sedap), Lucas Vieira.

“No caso do cacau fino, enviam-se amostras a compradores que fazem vários testes físicos, químicos e principalmente sensoriais”, explica Fernando Mendes, que chefia o Centro de Pesquisa do Cacau do Pará e do Amazonas. O estado enviou ano passado amostras de 15 regiões para Darin Sukha, um dos maiores classificadores de cacau do mundo, e espera-se o lançamento do “Mapa Sensorial de Cacau do Pará” este ano, pensado como uma estratégia para firmar o Estado como referência mundial.

ALÉM DO SABOR, A SUSTENTABILIDADE

Importante destacar que, tanto no país como neste cenário internacional, os concursos e a busca por novos produtores não estão voltados apenas para a qualidade, mas também para a sustentabilidade. “Este tornou-se requisito fundamental. Não adianta você premiar um cara, chegar na fazenda dele e ter trabalho infantil, condições insalubres, uso excessivo de agrotóxico. Esse critério também é avaliado”, pontua o Diretor Científico do Centro de Inovação do Cacau (CIC) e Secretário Geral do Parque Científico e Tecnológico, Cristiano Villela Dias. “É dever de todo produtor gerar um produto que seja sanitário, limpo, de qualidade. A questão sensorial é um ‘plus’, o refinamento, de entender onde aquele cacau vai chegar para se transformar em um bom chocolate”, completa Adriana Reis.

João Evangelista “Rogério” se orgulha de nunca ter derrubado nem uma árvore para se tornar Prata na produção de cacau fino. “Quando se trata de floresta, eu procuro trabalhar de maneira sustentável, reaproveitando as áreas dela própria, sem a necessidade de desmatar. Eu trabalho há 18 anos com terra e cacau e nunca desmartei”, disse o produtor, com orgulho. Além do cacau, ele cultiva outras 32 espécies, como açaí, pupunheira e mogno – árvore que ele gosta de usar como maior exemplo de sistema agroflorestal que ele adotou. “Em cinco anos, eu plantei 300 pés. Essa espécie para mim é a que mais gos-



CONTINUAR FAZENDO CACAU FINO, É ISSO QUE QUERO FAZER! É UMA FESTA EM PARIS QUANDO SE TRATA DE CACAU, DO CHOCOLATE, UMA COISA QUE A GENTE NÃO SABE EXPLICAR. MUITA GENTE QUERIA ME CONHECER”

João Evangelista, agricultor

to de citar, pois representa o restauro da Amazônia, que é possível você trabalhar sem degradar”, ressalta o agricultor.

Mesmo no trato com o cacau e a crescente demanda do mercado por seu produto, ele diz que pretende manter tudo o mais tradicional possível e sem o uso de agrotóxicos. “Dentro do trabalho do cacau tem coisas que eu não confio em ninguém fazer, como é o caso da poda

e do processo de fermentação, a escolha da fruta, eu mesmo que tenho que fazer. Comeu uma amêndoa minha, foi das minhas mãos mesmo (risos). A gente tem companheiros, mas o olho da gente é o que leva ao objetivo que a gente quer chegar. É uma propriedade pequena, mas é tudo que eu tenho e é tudo que eu gosto de fazer”.

Dos 45 hectares de Rogério, apenas oito são destinados ao cacau. “Eu nunca pensei na minha vida que podia chegar tão longe. Eu fiz três lotes de 600 Kg de cacau, esse que ganhou o paladar do povo de fora do Brasil. Isso é uma alegria. Eu doei tudo de mim pra fazer um bom trabalho e teve parceiros que colocaram no mercado. Continuar fazendo cacau fino, é isso que quero fazer! É uma festa em Paris quando se trata de cacau, do chocolate, uma coisa que a gente não sabe explicar. Muita gente queria me conhecer (risos). Uma pessoa no meu caso, um pequeninho bem pequeninho, dividir espaço com alguém como seu João Tavares [Ouro em Paris] foi muito emocionante”, relembra. **agro pa**

*COM INFORMAÇÕES E FOTOS DA SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO AGROPECUÁRIO E DA PESCA DO GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ E SOLIDARIEDAD.

NOVAS AÇÕES E CONHECIMENTOS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

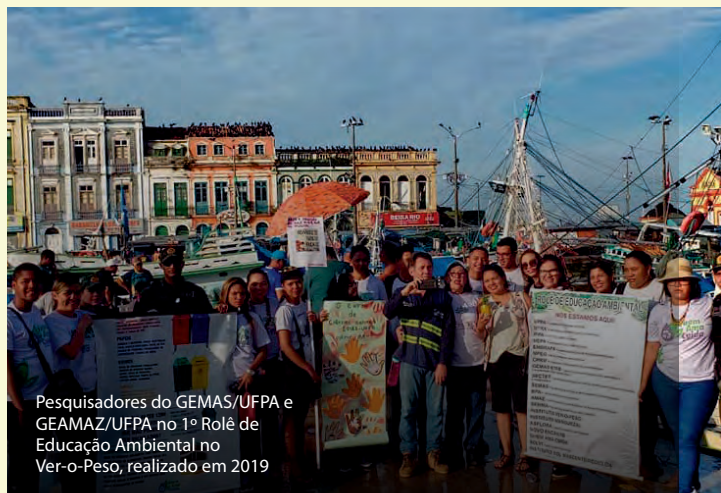
As novas experiências e aprendizagens geradas ao longo de 2020, marcado pela pandemia de covid-19, incentivaram o Grupo de Pesquisa em Meio Ambiente e Sustentabilidade (GEMAS) e o Grupo de Estudos em Educação Ambiental na Amazônia (GEAMAZ) a pensarem em modelos híbridos de formação, para manter a produtividade acadêmica das turmas da área de meio ambiente da Universidade Federal do Pará (UFPA) até o final do semestre deste ano e em 2021.

Cerca de 20 pesquisadores foram engajados pelo GEMAS e GEAMAZ em ações de conscientização ambiental durante a pandemia. O GEMAS/UFPA incentivou a entrega de materiais recicláveis com a produção de cards de divulgação sobre a localização e contato de Cooperativas e Associações de Catadores de Materiais Recicláveis de Belém e RMB e também a localização de Ecopontos, que foram distribuídos por Belém e publicados nas redes sociais deste grupo.

O GEAMAZ/UFPA realizou palestras e cursos online, que também tiveram colaboração do GEMAS/UFPA com o propósito de discutir questões relacionadas ao meio ambiente e a sustentabilidade. “Foram utilizadas plataformas como o canal no YouTube e nossas redes sociais, para videoaulas, cursos e palestras. Trabalhando em nossas casas, conseguimos nos “reinventar” muito bem e sob a pressão de uma pandemia. Foi importante para manter os alunos ocupados. Em alguns casos, com a intensa produção de artigos, a produtividade até aumentou, pois os alunos estavam 100% focados na pesquisa, já que as aulas só retornaram no segundo semestre”, comenta a professora e coordenadora do GEMAS/UFPA, Vanusa Santos.

O modelo de aprendizagem híbrida deve pautar também o ano de 2021, para o qual estão agendadas programações como o IV Seminário Sobre Meio Ambiente e Sustentabilidade na Região Metropolitana de Belém – GEMAS/GEAMAZ – UFPA, previsto para os dias 28, 29 e 30 de abril 2021 em formato online. Entre as ações presenciais previstas estão o 2º Rolê de Educação Ambiental no Ver-o-Peso, que começou a ser realizado em 2019; e uma visita técnica ao Aterro Sanitário de Marituba, que é conduzido pela Guamá Tratamento de Resíduos, que também será parceira do GEMAS/UFPA e do GEAMAZ/UFPA na realização do IV Seminário Sobre Meio Ambiente e Sustentabilidade na Região Metropolitana de Belém.

Outra iniciativa relevante prevista para o próximo ano é o projeto interinstitucional Avenida Perimetral da Ciência: Caminhos para a Sustentabilidade, que pretende criar os



caminhos ecológicos na “Avenida Perimetral da Ciência”, juntamente com as Instituições de Ensino e Pesquisa Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), Campus do Museu Emílio Goeldi, Embrapa Amazônia Oriental, Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFGPA), Universidade do Estado do Pará (UEPA), Grupo de Estudos em Educação, Meio Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (ETRB) - e de Gestão Ambiental, Batalhão de Polícia Ambiental (PBA), Sergio Geológico do Brasil/CPRM e Eletronorte, envolvendo as comunidades residentes ao longo da Avenida Perimetral, motivando-as a cuidar do ambiente e a responsabilizar-se também por sua sustentabilidade. “Este projeto também tem a finalidade de possibilitar o acesso a informações, ao conhecimento e propiciar o envolvimento das comunidades em atividades práticas, que contribuirão para a formação de uma consciência ecológica, crítica, emancipatória e comprometida com a sustentabilidade local, além de fomentar o incremento da renda dos moradores através do empreendedorismo e ecoturismo local”, assinala Vanusa Santos.

Produtividade - Mais de 50 pesquisadores participam dos grupos de pesquisa GEMAS e GEAMAZ. O Grupo de Pesquisa em Meio Ambiente e Sustentabilidade (GEMAS) foi criado em 2015 como resultado dos projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos pela professora doutora Vanusa Santos, coordenadora do GEMAS, da Faculdade de Ciências Econômicas, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA/UFPA). Criado em 2019, o Grupo de Estudos em Educação Ambiental na Amazônia (GEAMAZ), faz parte do Instituto de Educação, coordenado pela professora Maria Ludetana Araújo, da Faculdade de Educação da UFPA.

As linhas de pesquisas desenvolvidas por estes grupos são baseadas nas temáticas de Meio Ambiente, Sustentabilidade, Desenvolvimento Sustentável, Economia Circular, Educação Ambiental, Políticas Públicas, Resíduos Sólidos, Coleta Seletiva e os Catadores. “Todos os anos participamos de diversos eventos em Belém e fora da cidade. Como resultado, temos diversas publicações em várias temáticas, pois sendo o meio ambiente um tema transversal engloba várias áreas do conhecimento”, conclui Vanusa Santos, coordenadora do GEMAS-UFPA.



Um tanto de tudo

GUILHERME MINSEN

 gminssen@uol.com.br

AGRONEGÓCIO, O NEGÓCIO DO BRASIL

■ O Brasil é o líder em produtividade agropecuária de um ranking com 187 países formulado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

O setor rural brasileiro tem mais de 6 milhões de imóveis rurais e alimenta cerca de 1,2 bilhão de pessoas ou 1 em cada 7 no mundo (7,9 bilhões). O PIB-AGRO corresponde a 27,4% do total brasileiro conforme o Cepea e cresceu 8,36% em 2021.

O Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária de 2022 é estimado em R\$ 1,37 trilhão, sendo 7,5% acima do ano

passado. No início de maio/21, a China voltou a acelerar as compras de carne no Brasil.

Segundo este relatório, o Brasil ocupa essa posição desde a safra 2019/2020, quando o AGRO aumentou 3,18% ao ano, considerada a maior taxa entre os países selecionados, que incluem: China (2,03%) e EUA (0,50%).

Quando o intervalo é ampliado para 1961 a 2019, o produto da agricultura brasileira cresceu 3,75% e apesar deste percentual ser maior, então fica em segundo lugar, atrás da China, que tem alta de 4,41% neste período.

FOTOS: DIVULGAÇÃO



SEU DINHEIRO É CAPIM

■ É o sugestivo título do livro dos professores / Zootecnistas Janaina Martuscello e Manoel Eduardo Santos, que recomendamos aos pecuaristas.

O capim gera riquezas, e a escolha e manejo destes depende do conhecimento do produtor para que, no pastoreio, estes remunerem o seu investimento.



REDUTO DAS CARNES

■ Na Senador Lemos, nº 65. É a melhor notícia na oferta de carne com qualidade em Belém do Pará nos últimos 406 anos...

A carne é oriunda da Fazenda Carioca de Castanhal e as novilhas abatidas são da raça Brangus, com típica suculência e maciez.

“CESTA DE PÃO DA EUROPA”

■ Este era o apelido da Ucrânia até o início da guerra com a Rússia, quando tinha na agricultura o setor mais importante de sua economia.

Era a maior exportadora mundial de trigo e destacada produtora de milho, com amplas extensões de solo fértil, perfazendo um terço do terreno arável do continente, além de ser a segunda área mais importante na produção de adubos e fertilizantes do planeta.

Hoje a própria população passa fome já nos primeiros dias de batalhas, e todas as outras nações que importavam da “cesta de pão da europa” imediatamente já pagam pela barbárie.

MARAJOARAS COMEMORAM

■ O nascimento da primeira búfala de proveta com sêmen sexado em Cachoeira do Arari;

■ O projeto de exploração de seringueiras nativas em Anajás;

■ O início da atuação do provedor de internet “ILHAS NET” em Salvaterra;

■ O aumento da produção dos melhores queijos do planeta em Soure;

■ A safra de alevinos de pirarucu na Ilha da Mexiana em Chaves.

“Só há uma coisa mais rara do que uma primeira edição dos livros sobre a dieta vegana: - uma segunda edição”

Homero Britto Ribeiro
(in memoriam)



MÁQUINAS AGRÍCOLAS NACIONAIS

■ A Abimaq, Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos, indica para 2022 o investimento de R\$ 15,4 bilhões. Em 2021 o investimento foi de 14,5 bilhões, comprovando o forte desempenho do setor de máquinas.

Será o sexto ano seguido de incremento nas demandas do segmento, onde o crescimento foi de 43% nas vendas de máquinas, aumento nunca antes registrado, de acordo com a série histórica da Abimaq.

Os empregos diretos do segmento de máquinas agrícolas cresceram 13% em 2021, saindo de 52 mil postos de trabalho em 2020 para 59 mil.

QUEM LACRA NÃO LUCRA

■ As mídias sociais rurais paraenses no último Natal mostraram a força de comunicação do setor.

Tudo começou quando o BRADESCO divulgou um vídeo promocional, pedindo evitar o consumo de carne nas segundas-feiras e imediatamente as principais lideranças exigiram respeito e se manifestaram com churrascos na porta do banco, cancelamento de contas e diferentes moções de repúdio.

O banco, com a mobilização de seus clientes e investidores, imediatamente retirou todas as propagandas de seu site e também das influenciadoras contratadas.

Além da FAEPA, os sindicatos rurais de: Xinguara, Paragominas, Marabá, Altamira, Santarém, ABZ-PA Associação Paraense de Zootecnistas e empresas leiloeiras fizeram um final de ano inesquecível para diferentes agências paraenses e no Brasil inteiro não foi nada diferente.



NOVO CICLO DA BORRACHA NO PARÁ?

■ A SEDAP e a FAEPA estão incentivando o Projeto “Encauchados de Vegetais da Amazônia, hoje Seringô”, com o propósito de mostrar que a borracha natural produzida em seringais nativos traz a construção coletiva de um negócio sustentável, com tecnologia social que envolve conhecimento tradicional (encauchados) e conhecimento técnico científico (vulcanização).

Francisco Samoneck, presidente da Seringô, lembra que: “Estou há 40 anos trabalhando com borracha na Amazônia e sei que podemos potencializar o conhecimento dos seringueiros da região”.

A COR DA GORDURA NA CARNE

■ O que determina a cor branca ou amarela na gordura da carne depende de:

- 1) Onde foram criados os bovinos;
- 2) Idade dos animais

Quanto mais erados e/ou criados em pasto, tendem a ter a gordura mais amarelada.

CARNE FAKE

■ Carne produzida em laboratório com FBS (soro fetal bovino) que contém proteínas que auxiliam a multiplicar células animais em um ambiente controlado.

NOME AOS BOIS E AOS CAPINS

■ As gramíneas do gênero Brachiaria, oriundas da EMBRAPA, têm o nome “de origem indígena: MARANDÚ, XARAÉS, PIATĂ, TUPI, IPIPORĂ, PAIAGUÁS. Os Panicum maximum lançados pela EMBRAPA lembram a sua origem africana: ZURI, QUÊNIA, MOMBACA, MASSAI, TAMANI, TANZÂNIA.

INOVAÇÃO

■ EMBRAPA, SEDAP, FAEPA e APCB estão projetando o Centro de Excelência em Bubalinocultura do Pará. Este terá somar a rede integrada de ensino que irá disseminar o conhecimento nacionalmente, resultado das parcerias entre o SENAR, as Administrações Regionais e parceiros externos, ligados ao meio rural: produtores rurais, sindicatos, associações, cooperativas, agroindústrias, instituições de pesquisa, trabalhadores rurais e profissionais do meio acadêmico.

NO TWITTER



AVALIAÇÃO PROFISSIONAL

■ A Zootecnista Renata Erler, especialista em nutrição de ruminantes e assessora de importantes projetos nacionais como a ‘BovExo’, que auxilia o pecuarista na comparação de cenários, tomada de decisões e resolução de problemas, esteve no Pará em fev/22 e nos deixou uma profissional avaliação:

– “Encontramos no Pará fazendas com módulos de pastejo, bem divididos, adubados, lotes bem apartados, animais identificados individualmente, meio ambiente preservado em um processo sustentável. De tudo que foi visto, posso dizer que pela primeira vez vi uma colheita de pasto a campo tão eficiente quanto em um experimento científico e ainda assim o potencial é gigantesco, pois o grande desafio agora é usar essa base de dados, integrar cada indicador, identificar os pontos críticos entre eles e criar capilaridade para que essas informações cheguem aos demais produtores. É claro que essa é a realidade das propriedades que visitei e não reflete a realidade geral. O produtor paraense entrou na fase de gestão focado em três pontos fundamentais: liderança, ferramentas e conhecimento técnico, como os exemplos das Fazendas Marupiara (Paragominas) e Carioca (Castanhal), que entenderam que quanto mais sustentável for a sua operação, maior será sua margem de lucro. Os bons exemplos estão dentro de casa.”

AÇAÍ EM DUBAI

■ O Pavilhão Brasil na Gulfood, principal feira de alimentos e bebidas do Oriente Médio em Dubai, recebeu os empresários do projeto Agro.BR que reúne 10 empresas interessadas em exportar: açaí em pó, nibs de cacau, chocolate, cafés, cereais, farinha de mandioca, fécula de mandioca e amidos.

Martin Chavez, representante da Petruz Açaí, projeta para este ano exportar 50 toneladas a mais do produto, que já é enviado para vários países como Estados Unidos, Canadá, Austrália, Nova Zelândia e Japão. “A Petruz trabalha em conjunto com as comunidades ribeirinhas para garantir a sustentabilidade do produto e das famílias que trabalham com a fruta. O açaí está em alta, há demanda pelo produto, que está presente nos cafés da cidade em sucos e smoothies, por exemplo, coisa que não se via três anos atrás e a tendência é aumentar.”

Mais de um milhão de toneladas de açaí são produzidas anualmente e este número é crescente estimulado por bons preços, aumento do consumo e melhores tecnologias de cultivo.

agro pa



EDUCAÇÃO E CULTURA SÃO FUNDAMENTAIS NO MANEJO DE ANIMAIS”

PECUARISTA TEM DEDICADO SEU TRABALHO PARA MELHORAR OS CUIDADOS EM SAÚDE E BEM-ESTAR ANIMAL NAS FAZENDAS PELO BRASIL E DIZ QUE É POSSÍVEL MELHORAR A PRODUÇÃO PECUÁRIA EM AMBIENTES MAIS CONTROLADOS

■ LAÍS AZEVEDO

A pecuarista Carmen Perez, que também é colunista da revista “Forbes”, falou em entrevista para a revista Agropará sobre sua trajetória neste setor, levando sua Fazenda Orvalho das Flores (Barra do Garças, MT) a se tornar uma referência na pecuária de corte, fruto do seu trabalho em saúde e bem-estar animal. Recentemente, a fazendeira chegou a lançar o documentário “Quando Ouvi a Voz da Terra” - disponível no Youtube -, em que registra sua jornada por fazendas localizadas em São Paulo, Mato Grosso do Sul e ainda, na Fazenda Marupiara, em Paragominas, no Pará, compartilhando seus conhecimentos e encontrando inovadoras práticas de manejo neste setor.

EM SEU DOCUMENTÁRIO VOCÊ DIZ QUE VIU COISAS QUE A INCOMODAVAM, PRINCIPALMENTE NO MANEJO, QUANDO TORNOU-SE DONA DA FAZENDA ORVALHO DAS FLORES. QUE COISAS ERAM ESTAS?

Quando fui para a fazenda, não tinha formação técnica na área, mas já tinha convivido muito. E a partir do momento que a gente pega um negócio, uma gestão, assume isso, o olhar é totalmente diferente. A melhor forma de olhar a fazenda, quando possível, é a cavalo, então todo dia ia para a maternidade montada e via os manejos. Era algo muito bruto, as vacas sendo muito reativas e era o que eu conhecia, um ambiente muito pesado. Eu não entendia a razão de cada vaqueiro ter um pau na mão, o porquê eles laçavam o bezerro e ele vinha sendo arrastado, comia terra, e a vaca vinha na mesma intensidade, agressividade, que eles estavam esperando por ela e que ela esperava deles. Nesse momento pensei “não é possível trabalhar assim”. O manejo no curral também era dessa forma. A densidade de animais presos, naquele calor, era um em cima do outro, muitos animais se machucavam.

FOTO: DIVULGAÇÃO



Os vaqueiros também se machucavam e eu não queria um trabalho que eu amava feito de forma tão bruta, tanto entre os homens como os animais.

COMO DESCOBRIU QUE DAVA PARA FAZER DIFERENTE? ONDE BUSCOU ESSA INFORMAÇÃO?

Eu também visitei muitas fazendas, e todas eram igual a que eu tinha assumido. Mas, logo quando comecei a namorar meu marido, ele falou “vamos comigo visitar a Fazenda São Dimas”. Ela fica em São Miguel do Araguaia (GO), o dono era o Helvécio Argeu [falecido em 2017], um autodidata que foi fazendo sozinho essas mudanças, um trabalho diferente. O meu marido foi comprar gado e vacas, e eu fiquei ali surpresa quando vi aquele manejo, completamente diferente, de uma forma que eu não conhecia, os animais muito mansos e tudo feito com muita calma, todo mundo falava baixo no curral. O entrosamento entre vaqueiros e animais era muito grande. Nós nos sentamos em frente às vacas paridas, na cadeira, conversando enquanto elas passavam na nossa frente, algo inimaginável pra mim. Foi a minha descoberta de que dava pra fazer diferente.

Eu chamei o Mateus Paranhos [professor da Unesp de Jaboticabal, zootecnista, pós-doutor em bem-estar animal], para fazer uma visita à fazenda e a partir disso o que ficou claro pra mim é que a educação e cultura eram fundamentais. As pessoas faziam daquele jeito porque não sabiam fazer diferente, não entendiam as implicações daquele modo de fazer. Por exemplo, elas sempre tocavam por trás os animais, não sabiam que os animais não estavam enxergando e isso criava uma reação ruim. Então, um passo importante foi entender como os animais enxergam essas ações e os comportamentos. O segundo passo, mais desafiador, era fazer uma mudança de cultura, de tradição, que vem de tantas gerações de avô para pai e então para o filho. Eu acredito muito que para esse processo é fundamental a constância de tudo isso, dessa educação, conscientização.

ESSA RESISTÊNCIA DIMINUIU OU AINDA ESTÁ FORTE ?

Houve uma evolução muito grande. Até mesmo pelo mundo que a gente vive, tão dinâmico, transformador, com meios de comunicação muito intensos e rápidos. Isso é facilitador e também educador. As pessoas estão mais conectadas, mais conscientes. Quando a gente fala de boas práticas de produção, o bem-estar animal surge como elemento central desse contexto. Meu termômetro são os vaqueiros que a gente contrata. Até pouco tempo, quando tocava no assunto durante a entrevista de emprego, a resposta comum era ‘nunca ouvi falar disso’. Hoje, mesmo que não conheça a técnica, já escutou falar, está familiarizado. Então acho que tem mudado muito sim. Claro, existem alguns resistentes, mas acredito que, de forma geral, a cadeia produtiva esteja mais aberta.

ESSAS MUDANÇAS SÃO IMPORTANTES PARA OS TRABALHADORES?

Eu sempre começo falando isso, os maiores beneficiados serão as pessoas. Primeiro, por trabalhar em segurança, correndo muito menos riscos no dia a dia, e também em termos de produção. Quando você tem um manejo calmo, toda essa parte produtiva melhora. Você tem ganho de peso, aumento de índices reprodutivos e queda nos índices de mortalidade, o que é muito fácil a gente entender, afinal um animal estressado, um corpo estressado, a resposta fisiológica é o stress, e essa resposta é baixa imunidade, a própria capacidade de ingerir o alimento, a água. Então sempre falo que fazer as boas práticas é um ciclo de ‘ganha-ganha’. O professor Paranhos fala como o animal é elemento fundamental para a sustentabilidade, como tem muitas questões ligadas ao bem estar animal, isso desde que nasce até quando é abatido. E a nível nacional e internacional, a gente fala de imagem. Qual a marca que a cadeia produtiva quer deixar? Que a gente faz as coisas de forma responsável, começando pelo respeito como um todo?

E COMO FOI A SUA EXPERIÊNCIA NO PARÁ?

Eu fiquei tão apaixonada pelo Pará, que fui em julho [de 2021] para gravar o documentário, ainda não conhecia, e voltei em janeiro de férias (risos). Eu fiquei muito encantada com a região, eu já conhecia o Acre e Rondônia, mas o Pará foi paixão à primeira vista. Cheguei em Belém, o Mauro Lúcio foi buscar a gente e seguimos de carro até a fazenda, eu já impressionada com a densidade da vegetação. Eu saí do Mato Grosso, onde as pastagens estavam esturricadas, tempo seco, e de repente chego naquele verde em abundância, o tamanho das matas nas estradas, os rios que atravessam e aquele clima do Pará que está sol, e a gente nem percebe já começa a chover. E depois disso, a fazenda dele também me surpreendeu em vários aspectos. Me falavam que 80% dela era reserva florestal, outros 20% que eram áreas produtivas, e compreendi porque ele tem tanto sucesso nesses 20%. É uma gestão muito eficiente, baseada em indicadores de resultados produtivos, e ele tem muito essa fala de que a gente tem que fazer o melhor trabalho possível nessa área produtiva para garantir a preservação dos outros 80%. O Mauro é exemplo de muito sucesso, toda essa preocupação social, com a equipe, de educação, de treinamentos, ele tem uma fazenda muito completa nesse assunto.

IMAGINO QUE AINDA ESTEJA EM BUSCA DE APRIMORAR, CERTO?

A gente sempre está em processo evolutivo, nunca chega no ponto final. É um aprendizado constante, dessa parte social, ambiental. E os processos nunca não são tão rápidos quanto a gente deseja. Mesmo essa produtividade, é algo de muito investimento. Eu tenho muitos projetos da parte social também em desenvolvimento, entendo quando tem famílias envolvidas em um trabalho, que a gente tem uma comunidade. A gente pode ser mais ativo na educação das crianças, por exemplo, tendo apoio dentro da fazenda. O importante é que estamos num caminho para uma evolução. 

NO AGRO *a gente confia*

A RR Pneus tem pneus para tratores agrícolas, florestais, colheitadeiras e máquinas em geral, com preços e prazos especiais para produtores rurais, empresas de terraplenagem e construtoras.



Solução

completa em
pneus que te
acompanha do
preparo do solo
à colheita.



Firestone

ANANINDEUA
(91) 4006-0010

CASTANHAL
(91) 3721-3986

PARAGOMINAS
(91) 3729-4800

MARABÁ
(94) 3322-6128

ATENDEMOS EM TODO ESTADO DO PARÁ.

A SOLUÇÃO ESTÁ NO USO DE ÁGUA

LÍQUIDO ABUNDANTE NO PARÁ, GARANTE MELHORIA NA PRODUÇÃO LOCAL, MAS É PRECISO INVESTIR EM SISTEMAS MAIS PRÁTICOS E ECONÔMICOS PARA GARANTIR SEU USO NO FUTURO

■ IGOR WILSON

Quando o assunto é água, o Pará pode ser considerado divinamente privilegiado. Três bacias hidrográficas, entre elas a maior do planeta, passam em diferentes regiões do Estado. A Bacia Amazônica possui 20% de toda água doce da Terra, a Araguaia-Tocantins é a maior bacia totalmente brasileira e a bacia Atlântico Nordeste Ocidental, com sua vazão de 2.514 m³/s, é de fundamental importância, atendendo a cerca de 5,3 milhões de brasileiros.

São bilhões de litros de água jorrando todos os dias em solo paraense. Sem falar nas

centenas de rios e na alta incidência de chuvas.

De acordo com o último levantamento da Atlas Irrigação, criada pela Agência Nacional de Águas (ANA), o Brasil está entre os 10 países com maior área equipada para irrigação do mundo. São 6,95 milhões de hectares equipados para isso. E a projeção é de largo crescimento. Só em 2020, as áreas irrigadas expandiram 18,96% em relação a 2019, contabilizando um aumento de 249.225 mil hectares, segundo levantamento da Câmara Setorial de Equipamentos de Irrigação (CSEI) e da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

Deste total de áreas equipadas para irrigação, menos de 4% encontram-se no

Pará. São apenas 54.850 hectares de terras no segundo maior estado brasileiro, com uma área de 1 248 000 km². Nos últimos anos, produtores de outras regiões brasileiras se destacam em suas atividades devido ao investimento em sistemas de irrigação. E quando se fala em investir, nem sempre isto está ligado com alta tecnologia ou um volume financeiro inacessível aos pequenos e médios produtores.

A irrigação localizada ou por gotejamento, que é quando se irriga com baixo volume de água e alta frequência, requer um baixo investimento em tecnologia, mas é preciso formação adequada e o mínimo em infraestrutura. O método é o mais utilizado pelos produtores paraenses, estando presente em quase 55% das plantações do estado, de acordo com o IBGE.

O outro é denominado de “molhação”, que está presente em 22,5% das produções paraenses. Consiste em utilizar métodos

mais simples para irrigar a produção. A falta de conhecimento e infraestrutura para manejo do recurso mais importante da agricultura é o entrave para a expansão de métodos mais eficazes. “A irrigação molhada não tem nenhum critério em relação a quantidade de água a se colocar na planta. É como se você pegasse uma planta e colocasse água no dia e hora que você quisesse. Não tem controle e nem definição de sistema a ser utilizado. É uma irrigação pra planta não morrer, não para ela crescer da forma ideal”, diz o professor Joaquim Alves de Lima Júnior, vice-diretor do campus Capanema da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA) e especialista em sistemas de irrigação.

CRESCIMENTO

Apesar dos desafios, o Pará é cotado por especialistas de todo o país para se tornar a grande potência agro do Brasil. O estado possui todos os ingredientes para isso. Áreas extensas e já antropizadas, luminosidade alta durante todo ano, terras planas e, claro, água abundante. Na última década, o estado fez investimentos inéditos para aproximar órgãos como a Emater, a Embrapa e o Senar dos produtores paraenses e houve um avanço significativo em formação e outras parcerias com o setor.

Os agricultores responderam à altura e conseguiram colocar o Pará como protagonista nacional em culturas como açaí, abacaxi, cacau e mandioca, além de cítricos, pimenta do reino, entre outros. Isso sem falar das plantações de soja e cana de açúcar, produzidas em larga escala e com alto investimento. A agricultura representa atualmente quase 40% da economia do estado, com uma produção agrícola de R\$ 10,8 bilhões em 2019, superando em R\$ 800 milhões a de 2018, de acordo com o IBGE.

ENERGIA

Um outro desafio mobiliza produtores e poder público: a falta de um tipo de energia elétrica compatível com novos sistemas de irrigação. A infraestrutura escassa nas regiões rurais mais distantes impossibilita muitos agricultores a investir em sistemas mais eficientes. Tem-se dinheiro para evoluir a produção, mas a estrutura não chega nas mais longínquas regiões do estado. “Nas produções do interior mais distantes das rodovias estaduais e federais, por exemplo,



FOTOS: CELSO RODRIGUES



Valdir investiu no cultivo de alface hidropônica junto ao trabalho de piscicultura



existe uma energia elétrica ainda monofásica. E aqui também está uma questão a ser repensada. Porque os sistemas de irrigação mais eficientes requerem motores muitas vezes bifásicos ou trifásicos. Muitos querem

melhorar sua produção, mas não conseguem. O investimento do estado nessa questão é fundamental para esse crescimento da utilização de sistemas de irrigação mais eficientes”, explica o professor Joaquim.

ESTADO TEM BONS EXEMPLOS PARA O USO DA ÁGUA NA PRODUÇÃO

Valdir Colognese e Moisés Guimarães dedicam suas vidas a projetos relacionados a água. O primeiro, dono do sítio 18 Piscicultura, em Santa Maria do Pará, está no local desde 1976. Veio do interior paulista para ministrar formação agrícola aos moradores da Colônia do Prata e nunca mais retornou.

A pandemia impôs severas dificuldades à manutenção do negócio familiar de Valdir. Com o foco na criação de alevinos para vendas por todo o Pará, o produtor viu as encomendas despencarem no período. Mas algo pior estava por vir. No ano passado, a circulação de fake news sobre a doença da urina preta e o consumo de tambaqui, seu principal produto, Valdir e sua família viram a criação de ano quase falir.

“Foi muito difícil, estávamos saindo da pandemia, com a imunização em massa e a economia aquecendo levemente, mas aí veio dois casos de urina preta no sul do Pará. Agora que estamos recebendo as primeiras encomendas depois desse período”, diz.

A solução para o difícil período veio de outro setor, também relacionado a água. Junto com seu filho, Colognese investiu em criação de alfaces em sistema de hidroponia. Em pouco tempo de produção, conseguiu encomendas que lhe garantem uma renda de cerca de R\$ 3 mil por semana. “Salvou a lavoura”, brinca.

Já Moisés trouxe um sistema israelense de recirculação de águas para trabalhar com piscicultura, há dez anos. Nesse período, sua empresa, a Projeto Peixe, conseguiu ajudar centenas de produtores paraenses a implementar módulos produtivos para criação de peixes em sistema de recirculação e utilizando alta tecnologia. O sistema possui uma usina chamada de ETE Econômica, que faz o tratamento da água de acordo com a necessidade do produtor. Assim, é possível reutilizar a mesma água por muito tempo. “Nós começamos no Pará e hoje recebemos encomendas de todo o Brasil. O Sistema de Recirculação de Águas permitiu ao estado do Pará e seus produtores ver a grande possibilidade em se tornar uma potência, talvez o maior produtor de peixes do Brasil”, diz.

FOTOS: CELSO RODRIGUES



“Hoje nós produzimos várias espécies em sistemas fechados, isso significa um pequeno volume de água, um espaço pequeno para uma grande produção de pescado”, explica ele. “Se for comparado com o sistema tradicional, o sistema de lagos tanques escavados, como os de mil metros por exemplo, em um tanque desses eu faço 2 toneladas de pescado”, declara Moisés Guimarães. “Além disso eu tenho uma qualidade de água, controle maior da produção eu consigo gerenciar isso de uma forma mais eficiente, mais econômica até do que no modo tradicional, otimizando

até mesmo os custos com a ração”, explica o piscicultor. Moisés Guimarães trabalha com quase todas as espécies comerciais desde Tilápia, Tambaqui, Itinga, Caranha, Pirarucu, Pintado, Tabatinga, Lambari entre outros. Moisés foi o grande campeão da categoria Piscicultura do Troféu Agropará. O Projeto Peixe está em quatro municípios, Marabá, Ipixuna do Pará, Itupiranga e Bom Jesus do Tocantins e no país a empresa está em nove estados como São Luiz (MA), Maceió (AL), Bahia, Tocantins, Goiás, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

agro pa



Tradição e qualidade na sua mesa.

Há 45 anos referência em produção de ovos.

A Granja Santa Joana produz ovos de qualidade com selo SIE 019. Consolidada no segmento avícola, está sempre buscando mais eficiência e investindo em equipamentos modernos para atender a demanda. Desde a recepção, seleção, análise ovoscópica, classificação, embalagem e expedição, oferecemos dinamismo em todo o processo, sempre com controle rigoroso de higienização. São mais de 40 anos de experiência, dedicação e tecnologia. Levando produtos regionais frescos e de qualidade a mesa dos paraenses.



OVOS REGIONAIS
Santa Izabel - PA

ADUBAÇÃO CORRETA MELHORA CULTIVO

LIVRO LANÇADO POR PESQUISADORES DO ESTADO, E DISPONÍVEL GRATUITAMENTE, AJUDA OS PRODUTORES COM RECOMENDAÇÕES DE CALAGEM E ADUBO PARA 67 CULTURAS DE INTERESSE ECONÔMICO DO PARÁ. SAIBA COMO ACESSAR

■ IGOR WILSON

O livro “Recomendações de calagem e adubação para o estado do Pará” foi elaborado com o principal intuito de atender diretamente ao público ligado às cadeias produtivas do setor agropecuário e florestal do Pará.

A publicação teve como editores técnicos Edilson Carvalho Brasil (Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental), Manoel da Silva Cravo (Pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental) e Ismael de Jesus Matos Viégas (Professor da UFRA - Campus Capanema e ex-pesquisador da Embrapa Amazônia Oriental).

O trabalho possui uma relação direta com a situação atual de avanço da produção agropecuária e florestal do Estado do Pará e seu uso permite um aumento, ainda maior, da produtividade das culturas por meio das práticas de calagem e adubação para a melhoria da fertilidade dos solos, com reflexos diretos para a obtenção de maiores retornos econômicos aos produtores.

Tendo em vista que a baixa fertilidade e a elevada acidez são características da maioria dos solos do Pará, a obra aborda as informações mínimas necessárias para a adequada recomendação de calagem e adubação de 67 culturas de interesse econômico do estado do Pará, sistematizadas em sete grandes grupos de plantas cultivadas (culturas anuais, culturas industriais e perenes, hortaliças, plantas frutíferas, plantas ornamentais e flores tropicais, plantas forrageiras e gramados, além de espé-



cies florestais que foi incluído esta nova edição).

No total participaram 57 autores (pesquisadores, professores, extensionistas, consultores e técnicos da iniciativa privada) de diversas Instituições e empresas do estado do Pará. “Este livro é destinado a todos os produtores em suas atividades agropecuárias ou florestais, todos os extensionistas em suas ações de orientação técnica, todos os consultores em seus atendimentos de assessoria técnica e professores que atuam em algum segmento da área de ciência do solo. Esperamos que as informações contidas neste livro ajudem no alcance do mínimo sucesso em suas atribuições nas condições do Pará”, diz Ismael de Jesus Matos Viégas.

Considerando algumas similaridades de solo e de clima existentes entre o Pará e os estados do Amapá, Amazonas, Maranhão e Tocantins, esta publicação pode ter uma abrangência

de uso nesses estados que, ainda, não possuem um manual de recomendações de adubação específico para as suas condições. Nesta edição, optou-se em possibilitar que o documento seja acessado, gratuitamente, no site da Embrapa Amazônia Oriental (<https://www.embrapa.br/amazonia-oriental>) permitindo que os interessados possam utilizar as informações de forma mais fácil e sem custos, para que toda a sociedade interessada possa se beneficiar.

Segundo Ismael, o livro representa o esforço e a união de várias instituições regionais e do setor produtivo no sentido de “tornar possível o uso de tecnologias capazes de promover saltos de produtividade sem avançar em áreas de floresta, capazes de aumentar os níveis de emprego e renda nesse segmento econômico do Pará, propiciando maior bem-estar social e preservação ambiental”.

agro pa

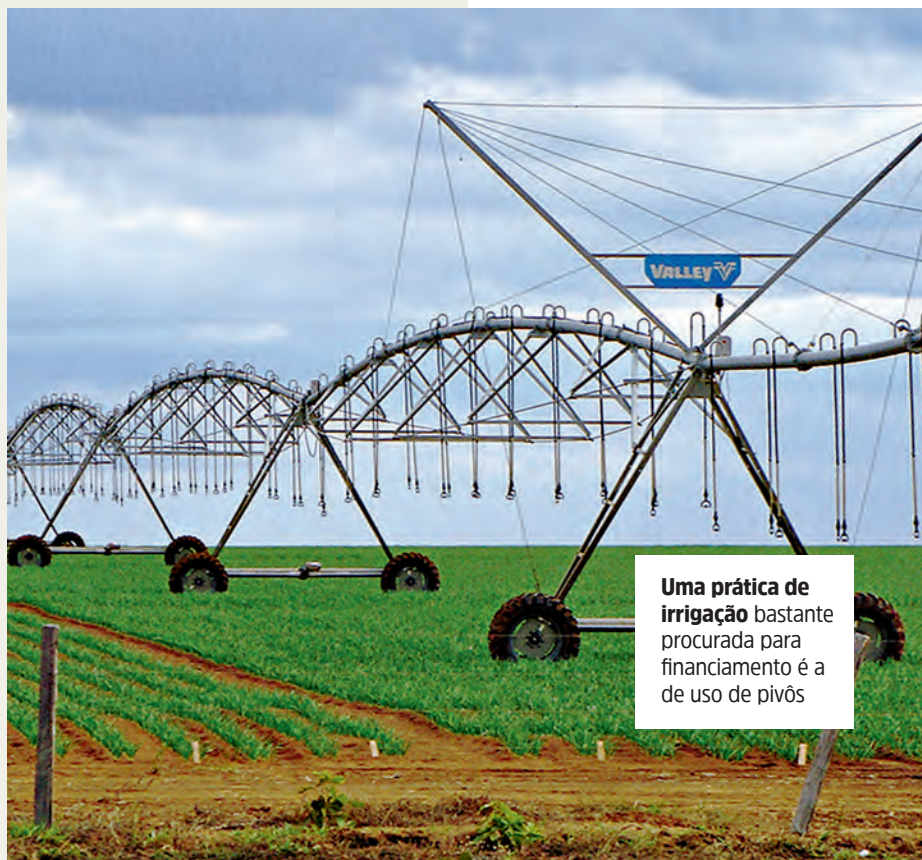
SISTEMAS DE PRODUÇÃO TÊM FINANCIAMENTO

O BANCO DA AMAZÔNIA OFERECE LINHAS DE CRÉDITO PRÓPRIAS PARA PRODUTORES QUE QUEIRAM AMPLIAR O PROCESSO PRODUTIVO OU INSTALAR BOAS PRÁTICAS PARA O USO DE ÁGUA

Com o objetivo de estimular, de forma sustentável, o crescimento da agricultura e da pecuária sustentável na Região Amazônica, o Banco da Amazônia está incentivando produtores no desenvolvimento de sistemas de uso de água na irrigação e produção. A meta do Basa é ampliar a área de agricultura e pecuária na região e promover a modernização de antigos sistemas. Nesse contexto, o banco, através do FNO, disponibiliza crédito a produtores que queiram seguir práticas sustentáveis e aumentar os ganhos produtivos.

Um dos exemplos é a irrigação. “Apesar desse baixo índice de práticas de irrigação no Pará sabemos que, por outro lado, há um potencial muito grande para o crescimento dessas atividades. O Banco da Amazônia com certeza é quem mais oferece apoio a iniciativas sustentáveis que ampliem essa parte”, explica Edmar de Souza Bernardino, Superintendente Regional do Banco da Amazônia no Pará e Amapá. A iniciativa prevê o desenvolvimento sustentável por meio da oferta de crédito aos produtores rurais, para que possam instalar ou trocar equipamentos de irrigação por outros mais eficientes e também adotar sistemas de energia alternativa.

Os recursos são provenientes do Fundo Constitucional de Financiamento do Norte (FNO), e as taxas oferecidas são as menores do mercado. O superintendente destaca que a procura por novos sistemas aumenta junto com a oferta de



Uma prática de irrigação bastante procurada para financiamento é a de uso de pivôs

crédito. “Uma prática com processo bastante simplificado e ágil e que está sendo bastante procurada para financiamento é a de pivôs para irrigação, por exemplo. Isso é uma novidade, pois até pouco tempo poucos empreendimentos tinham isso. E com a alteração do modelo de acesso ao crédito mais simplificado, hoje o produtor com um projeto viável tem

oportunidade de gerar resultado maior para seu empreendimento. Temos financiado produtores de açaí, pimenta do reino e diversas modalidades”, diz Edmar. Para conhecer mais sobre as linhas de financiamento para práticas sustentáveis, procure a gerência da agência do Banco da Amazônia mais próxima ou as centrais de atendimento do banco. **agro pa**

FOTO: ELENA LANDAU / EMBRAPA

CONHEÇA JAPONESA, A PRIMEIRA BÚFALA DE PROVETA DO MARAJÓ

FORAM DÉCADAS DE ESTUDO PARA QUE OS PESQUISADORES CONSEGUISSEM REPRODUZIR AS CONDIÇÕES IDEAIS PARA A REPRODUÇÃO DOS ANIMAIS NA REGIÃO. O RESULTADO JÁ COMEÇA A DAR OS PRIMEIROS PASSOS

Foram mais de quatro décadas de estudo até o nascimento, no dia 20 de dezembro de 2021, de Japonesa, a primeira “búfala de proveita” do Marajó, certamente a bezerra mais aguardada da Fazenda Paraíso, em Cachoeira do Arari. O nome Japonesa não foi por acaso, já que foi pensado em homenagem ao professor doutor Otávio Mitio Ohashi, descendente de japoneses, que faleceu no início de 2021 por conta da Covid-19. O professor deu início às primeiras pesquisas sobre produção in vitro de embriões no início da década de 1990, pesquisando tanto bovinos quanto bubalinos. Foi ele também que teve os primeiros resultados de nascimentos de bezerros bovinos no Estado do Pará, além de ter participado da montagem da maioria dos laboratórios de produção in vitro do país e de pesquisas com clonagem e transgênicos.

O nascimento da japonesa foi conseguido, ainda, através de uma parceria entre o Setor de Reprodução Animal do Instituto da Saúde e Produção Animal (ISPA) da Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA), pesquisadores da Universidade Federal do Pará (UFPA), produtores de búfalos da Ilha do Marajó, a Escola de Ensino Técnico do Estado do Pará (EETEPa) de Salvaterra e as prefeituras deste município e de Soure.

NOVA ERA NA REPRODUÇÃO BUBALINA

Os estudos sobre Produção In Vitro de Embriões Bubalinos (PIVE) se intensificaram em 2014 e, dois anos, depois já havia alcançado um resultado inédito na Região Norte, com a gestação das duas primeiras fêmeas de búfalo por meio da técnica. O professor Sebastião Rolim, um dos pesquisadores que coordenam a atual equipe, explica que, diferente da inseminação artificial, em que ocorre a coleta de material genético de um

FOTO: DIVULGAÇÃO



um macho com alto valor genético e posterior fecundação em uma fêmea em período reprodutivo, a PIVE ocorre com a produção do embrião em laboratório, em incubadores ou “útero artificial”.

Outra diferença é que são realizadas técnicas específicas após a coleta, tanto do sêmen quanto de folículos ovarianos, ambos retirados de animais com alto valor genético. E os embriões são cultivados, por isso a técnica recebe o nome de “proveta”. Só então os embriões são transferidos para “barrigas de aluguel”, as búfalas receptoras de embrião, que não precisam ter alto valor genético, mas estar saudáveis. Atualmente, eles alcançam uma taxa de prenhez em torno de 40% de produção de embrião, no caso de animais não selecionados, e podem triplicar isso ao selecionar as características reprodutivas. “A gente obteve agora 42,8% de prenhez de búfalas com a técnica de produção in vitro, portanto estão vindo outras ‘Japonesas’ ainda este ano”, destaca Rolim.

A escolha do local não foi à toa, o arquipélago possui o maior rebanho de búfalos do Brasil e o segundo maior do mundo, ficando atrás somente da Índia. “A gente está sempre por lá [na Fazenda Paraíso], faz a pesagem da Japonesa mensalmente, quer saber se tá tudo bem. E acompanha também a mãe dela, uma vaca que produz uma boa quantidade de leite, sendo ordenhada todo dia. Ela tem um tratamento meio que especial, é um animal que precisa de um acompanhamento mais próximo. Ela provavelmente terá uma vida normal. A diferença é que, como ela foi produzida a partir de uma genética de alto valor, a gente precisa ter um cuidado a mais para garantir que ela expresse essa genética”, explica o pesquisador.

Atualmente, a equipe do projeto desenvolve as atividades com dez produtores da região, mas esse número será maior, já que o projeto foi aprovado para receber recursos da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa) e do Governo do Estado do Pará, garantindo a reforma e ampliação do laboratório e a compra de equipamentos, o que já vem sendo feito nos últimos três meses. “Com isso nós vamos poder atender aproximadamente 50 produtores da região, o que em termos de rebanho, representa 50 mil cabeças de búfalos”, diz Sebastião Rolim.

FOTO: DIVULGAÇÃO

Pesquisadores fizeram diversos estudos até o nascimento de Japonesa (a filhote da foto ao lado)



“A fertilização in vitro já é desenvolvida em bovinos no país de forma geral, inclusive fomos pioneiros na região também com os bovinos, quase 30 anos atrás. Mas em búfalo, essa tecnologia ainda é muito incipiente, ainda em desenvolvimento. No Brasil, ainda não é uma tecnologia economicamente viável na maioria das regiões. Como ninguém fazia, isso se tornava caro. Com a Japonesa, a gente já tem uma ferramenta prévia, para torná-la viável para o produtor. E com o nosso laboratório no Marajó, fica mais fácil ter acesso aos animais e as fazendas, o que pode diminuir os custos de produção, aumentando a renda do produtor, gerando mais sustentabilidade econômica, social e ambiental, através da geração de emprego e renda às comunidades locais, que vivem da produção de carne, leite e queijos de búfalos”, completa o professor.

As primeiras leituras sobre inseminação de búfalos chegaram à UFRA pelo professor William Gomes Vale, em 1976, enquanto realizava seu doutorado na Alemanha. Querendo desenvolver as técnicas na região, ele formou o primeiro grupo de pesquisa com Haroldo Ribeiro, Otávio Ohashi e José Souza Silva. Dois anos depois, eles chegaram ao desenvolvimento de um criopreservador específico para congelamento de sêmen de bubalinos, já que o existente era de bovinos e não estava dando o resultado esperado com búfalos. “Com isso, nós finalmente conseguimos adaptar e congelar o sêmen, mas precisávamos saber se ele fertilizava”, lembra o professor Haroldo Ribeiro, que entrou no projeto quando ainda era aluno de medicina veterinária da UFRA, na época ainda chamada de Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP). Quatro produtores acreditaram no projeto e permitiram a coleta de material.

O pecuarista Liberato de Castro, proprietário da Fazenda Itaqui, no município de Santa Cruz do Arari, disponibilizou 25 búfalas para os pesquisadores realizarem o teste de inseminação. Após o procedimento, exames de sangue foram enviados para a Alemanha, onde o professor William fez as análises e verificou as taxas hormonais. “Se a progesterona tivesse alta, significava que estavam prenhas. Dois meses depois da inseminação voltei à fazenda e constatei a prenhez, confirmando quatro gestações”, orgulha-se Haroldo.

A gestação da búfala é de dez meses e os primeiros búfalos produzidos por inseminação artificial da América Latina nasceram em 1982. Em 2021, a pesquisa teve mais uma vitória significativa, quando nasceu a primeira búfala por inseminação artificial com sêmen sexado através da técnica de imunosexagem, ou seja, em que há escolha sobre o sexo do animal. Portanto, novos avanços irão acontecer na reprodução de búfalos e de fato a primeira vitória desta nova empreitada já veio - Japonesa, a saudável bezerra que segue sendo acompanhada pela equipe.

agro pa

DETALHES

■ Em 2021, o queijo do Marajó, feito com leite de búfala, ganhou o selo de Indicação Geográfica (IG).

■ O Pará concentra 520 mil búfalos, dos quais mais de 320 mil estão no Marajó.

*Informações da Associação Paraense de Criadores de Búfalas (APCB) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).



Mauro Bonna

✉ negocios@maurobonna.com.br

BÚFALO

■ A Atual Leilões realizará no dia 7 de maio, via You Tube, o 1º Leilão Marajó-Búfalo.

PROMISSÃO

■ O agroempresário Djalma Bezerra descontinuou o Leilão da Fazenda Promissão. Agora só comercializa bezerros logo após a desmama. Djalma atesta que o foco do município de Paragominas e região mudou da pecuária para a agricultura.

CAMARÃO

■ Murilo Souza Filho, que abrirá em maio uma franquia da rede de restaurantes Camarada Camarão, no mix do Shopping Boulevard, garante que terá exclusivo fornecimento local do camarão rosa tipo exportação. Além, claro, de pescada amarela e filhote.

BOI

■ Continua firme e forte a exportação de boi vivo paraense pelo porto de Vila do Conde. Oriente médio é o destino.

ZOO

■ O zoo da Vale, em Parauapebas, mandou para o Rio Grande do Sul um exemplar de onça-pintada e urubu-rei. Intercâmbio entre zoológicos.

ECOMAR

■ A Ecomar, de Fernando Ferreira, na Vigia, continua em Recuperação Judicial. A assembleia geral de credores será em maio. A classe trabalhadora já foi toda paga. A empresa é líder no mercado interno e deverá voltar a exportar no segundo semestre.

HORTI

■ De acordo com estatísticas da Ceasa, cerca de 80% dos hortifrutigranjeiros que abastecem Belém vem de fora do Estado.

VITÓRIA

■ A Fazenda Hotel Vitória, em Tracuateua, inaugura agora, na Semana Santa, o sofisticado Restaurante do Lago.

PEIXE

■ O restaurante Casa do Saulo, que abrirá agora na Sexta-Feira Santa no Museu do Amanhã, no Rio, colocará na vitrine nossos peixes tipo exportação: pescada amarela, filhote, pirarucu e tucunaré.

LARANJA

■ Dificil a situação da laranja em Capitão Poço e região: a dança do dólar, o óleo diesel que no ano passado era R\$ 3,30, agora está a R\$ 6,65, o herbicida que em 2021 custava R\$ 12 o litro, hoje está R\$ 85 reais o litro. A laranja in natura, que até dezembro era R\$ 1,5 real o quilo, hoje está a R\$ 0,80 e ninguém quer comprar.

CRIME

■ Relatório da PF nas operações ambientais na Amazônia: em 30% dos crimes ambientais investigados há suspeita de fraude; em 21%, de corrupção; e em 20%, de lavagem de dinheiro.

ACORDA

■ Durante o 1º Pecuário, de 27 a 29 de abril, o ex-ministro da Agricultura Alysso Paolinelli, presidente do Fórum do Futuro, lançará o evento "Wake up Call Amazônia".



CARNEIRO

■ Um grupo de pesquisadores apoiados pela Fapespa, sob a coordenação de Thiago Carvalho da Silva, está pesquisando a potencialidade da mandioca para a produção de alimentação animal, com foco inicial em ovinos.

CITRO

■ A citricultura tem gerado uma produção maior de subprodutos, a exemplo do bagaço da laranja. Um grupo de pesquisadores, apoiados pela Fapespa, busca avaliar a capacidade desse subproduto ser utilizado na alimentação animal, especialmente de ovinos em isolamento.

PIMENTA

■ A pimenta-do-reino é uma importante commodity brasileira com diversas aplicações na indústria de alimentos, devido a sua grande capacidade de conservação. Projeto, apoiado pela Fapespa pretende fazer o melhoramento de uma tecnologia de recobrimento da pimenta-do-reino, tornando-a mais resistente à contaminação, o que aumentará sua durabilidade. Preparando, assim, essa tecnologia para ser lançada no mercado através de uma startup.

EXPORTAÇÃO

■ Peixe ornamental continua sendo o principal item de exportação pelo aeroporto de Belém. Ainda via Viracopos. **agro pa**

DO PASTO AO PRATO, QUALIDADE GARANTIDA.



☎ (91) 9 8226-5554 📷 @faz.carioca 📍 Castanhal (PA)



www.maurobonna.com.br
negocios@maurobonna.com.br

🐦 @maurobonna
Baixe, gratuitamente, o aplicativo do Mauro Bonna.



agropalma

Somos da terra. Somos da indústria.
Somos brasileiros. Somos globais.

Os frutos que colhemos e transformamos abastecem indústrias e enriquecem histórias, enquanto tornamos a palma brasileira sinônimo de preservação e de produção sustentável.

Evoluímos nossa marca para potencializar o valor que a Agropalma gera para o futuro, para o mercado e para a sociedade.



Para saber mais sobre a evolução da nossa marca, acesse:
agropalma.com.br/nova-marca



Sustenta
e
Inova

SUSTENTABILIDADE PARA O FUTURO DA AMAZÔNIA



Uma iniciativa que busca desenvolver e implementar práticas agrícolas sustentáveis e inovadoras, bem como desenvolver cadeias de valor na Amazônia.

correalizadores:



financiador:



Este projeto é financiado
pela União Europeia

realizador:

